

Conversão de dívida pode ir a CZ\$ 7,1 bi

BRASÍLIA — O Banco Central estimou em US\$ 300 milhões (CZ\$ 7,1 bilhões) o volume de conversão de empréstimos em investimentos diretos neste ano, pouco mais que os US\$ 220 milhões (CZ\$ 5,2 bilhões) de conversão de dívidas realizada no ano passado, mas ainda longe do montante de US\$ 581 milhões (CZ\$ 13,8 bilhões) registrado em 1985. As últimas estimativas do Banco Central prevêem, ainda para este ano, o ingresso de US\$ 100 milhões de investimentos em mercadorias e equipamentos e mais US\$ 300 milhões em investimentos diretos em moeda. Os investimentos estrangeiros neste ano, somam, portanto, US\$ 700 milhões (CZ\$ 16,6 bilhões).

No balanço de pagamentos montado pelo Banco Central para este ano e apresentado oficialmente aos bancos credores internacionais da dívida externa brasileira registra-se, na conta de capital, investimentos diretos líquidos da ordem de US\$ 350 milhões (CZ\$ 8,3 bilhões), em compensação ao déficit de US\$ 115 milhões (CZ\$ 2,7 bilhões) ocorrido em 86.

Externa *O GLOBO* *19 ABR 1987*
CVM acredita que potencial é de US\$ 3 bi até 1989

A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) estima em US\$ 3 bilhões (CZ\$ 71,4 bilhões) potencial de conversão de dívida em capital de risco em dois anos. Esse número foi calculado com base em consultas feitas por banqueiros e instituições estrangeiras e constará de documento a ser enviado nos próximos dias pelo Presidente da CVM, Luís Octávio da Motta Veiga, ao Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, e ao Presidente do Banco Central, Francisco Gros.

A CVM vai propor as seguintes formas de conversão: via investimento em fundos mútuos de ações e debêntures, compra direta de ações e cessão de créditos para empresas interessadas em ter participação acionária em empresas brasileiras.

O Presidente da CVM considera válidas as críticas às fórmulas de conversão sugeridas até agora. Por isso, sua preocupação em encontrar soluções para elas antes de encaminhar o projeto ao Governo, como no

que diz respeito ao impacto da entrada dos recursos sobre a base monetária, a desnacionalização das empresas e a possibilidade de remeter mais dinheiro para o exterior através de dividendos do que através do pagamento de juros.

— É preciso que fique bem claro, entretanto, que o perfil da dívida não será alterado. Se a conversão for feita através do Fundo Brasil, por exemplo, cujas aplicações têm prazo de carência de apenas três meses, o dinheiro da conversão não poderá ser remetido para o exterior nesse prazo. É preciso que ele fique internado pelo período equivalente ao do endividamento, disse Motta Veiga.

Outro temor refere-se ao pagamento de dividendos. Se as taxas de juros caírem no mercado internacional e as empresas apresentarem grandes lucros em seus balanços, há o risco de se remeter mais dinheiro para o exterior sob a forma de dividendos

do que se pagaria de juros. Por isso a necessidade de criação de mecanismos que protejam o País.

Há, entretanto, um argumento do qual o Presidente da CVM discorda frontalmente — o de que os preços das ações estão muito baixos e que com poucos bilhões de dólares os estrangeiros comprariam todo o parque industrial brasileiro.

— As cotações das ações estão hoje fora da realidade, assim como estiveram há um ano, logo após o Plano Cruzado. Assim que o fluxo de recursos se mantiver estável ou houver a entrada de dinheiro novo, certamente os preços voltarão para sua realidade.

Levantamento feito recentemente pela Bolsa de Valores do Rio concluiu que com apenas US\$ 5,6 bilhões é possível comprar o controle acionário através das Bolsas de Valores das 200 maiores empresas brasileiras, incluindo o Banco do Brasil, a Petrobrás e a Vale do Rio Doce.